

MARTA GAUTIER

*Nua e crua*

Ed. Publicações D. Quixote



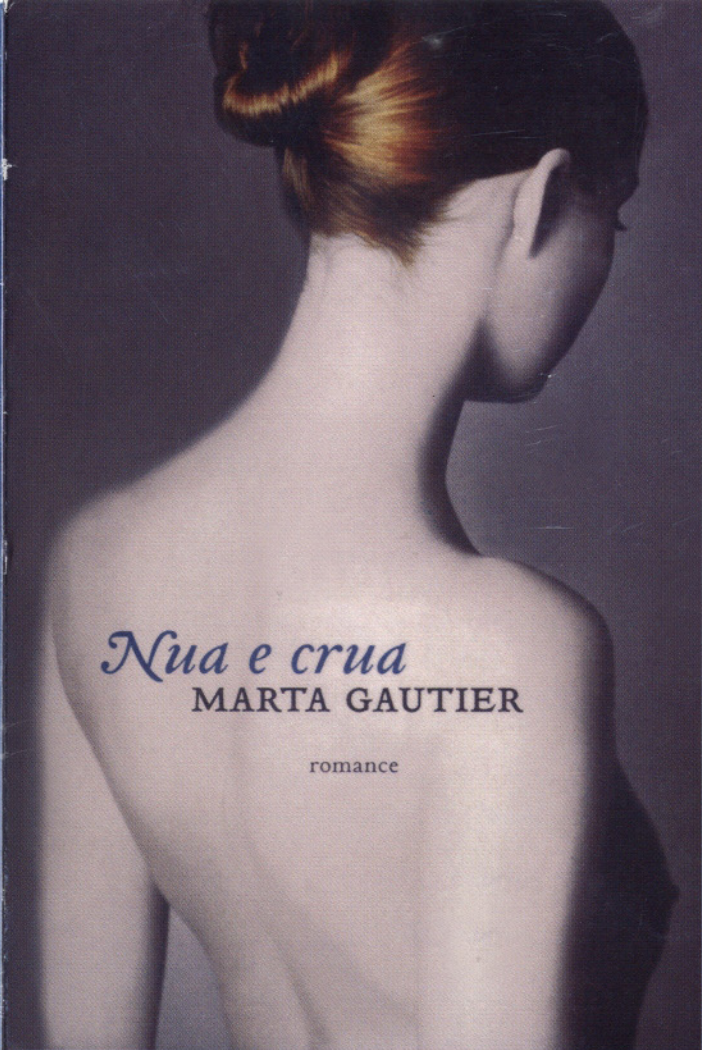
«(...) Por mais que a rotina imposta pela Manuela me perturbasse, por mais complexos que tivesse, por mais falta que a minha mãe me fizesse ou por menos atributos físicos que seduzissem os outros, eu tinha uma alegria que atraía os outros. E não era só quando bebia de mais. De qualquer forma, nunca estive bem certa da pureza dessa disposição, sempre desconfiei de que não vinha de uma tendência verdadeira, mas de uma premeditada forma de estar para conquistar os outros. Num desafio cada vez menos doloroso contra a timidez, a minha personalidade extrovertida parecia convencer um número cada vez mais alargado de pessoas. No grupo de amigos, eu era a que ria mais, a que contava mais piadas e, a dada altura, até passei a ser uma companhia bastante procurada e a quem estranhavam qualquer abatimento.

Procurar ser útil, dando conselhos e ouvindo atentamente os que queriam desabafar, era outra técnica de resultados rápidos. Quanto mais interessada me mostrasse pelos seus problemas, mais dependentes ficariam de mim e mais difícil seria abandonarem-me. Como quaisquer outros, os meus amigos também exigiam que a eles confiasse as minhas questões mais íntimas, mas eu cedia a essa troca de forma desonesta; em vez de lhes confiar o que realmente sentia quando estava triste, descrevia o que pensava gostarem de ouvir e de forma a ser facilmente compreendida. As minhas dificuldades eram traduzidas em questões tão simples e explicadas de forma tão prática que, sem dificuldade, qualquer ouvinte podia dar a sua opinião ou conselho. Além disto, como eu falava com cada um em particular, conseguia que cada um se sentisse especial e diferente no lugar que ocupava na minha vida. Não era só por estratégia que agia assim, mesmo que quisesse ser genuína, a verdade não me saía da garganta – era como se a falta de hábito tivesse tornado impenetrável a parte mais pura do meu ser, mas, além disso, o costume de me regular em função do que eu achava que os outros esperavam de mim, tinha-me feito "perder o fio à meada". Os meus verdadeiros desgostos eram, então, por defeito, eficientemente separados daqueles que eu transmitia. Não valia a pena ser honesta, se o fosse, eles não iam entender. Era como se considerasse totalmente improvável que o resto do mundo pudesse compreender o que acontecia dentro de mim. Se a Manuela, que me viu crescer, não percebia, como podia passar-me pela cabeça que os estranhos lá chegassem? (...)»

[www.cm-seixal.pt](http://www.cm-seixal.pt)

**câmara municipal do seixal**

siga o nosso concelho



Apresentação da obra

**Sábado, 18 de Novembro de 2006**

**pelas 16.00 horas**

**Biblioteca Municipal - Fórum Cultural**

**CONVERSAS**  
COM A  
**Escrita**

**Câmara Municipal  
do Seixal**

em colaboração com  
**Publicações Dom Quixote**



## NOTA BIOGRÁFICA

Marta Gautier nasceu em Lisboa em 1976. É oriunda de uma família marcada desde há gerações por uma forte tradição cultural e literária. É filha da escritora e cronista Rita Ferro; neta do escritor e ensaísta António Quadros (que entre outras iniciativas relevantes se destacou por ter organizado e dirigido o Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian e sido um dos fundadores do IADE – Instituto de Artes Decorativas). Marta Gautier é também bisneta da poetisa, escritora e ensaísta Fernanda de Castro, que desenvolveu uma relevante obra filantrópica para a infância, e do jornalista, escritor e político António Ferro, editor da revista *Orfeu* e unanimemente reconhecido como um grande promotor da cultura portuguesa e do movimento artístico moderno. A emergência de uma nova escritora afigura-se como um percurso algo incontornável. Marta Gautier licenciou-se em Psicologia Clínica no ISPA, tendo posteriormente feito uma especialização em Psicoterapias de Orientação Psicanalítica. Profissionalmente, exerce clínica no Centro de Recursos Pedagógicos e Psicomotores e lecciona no IADE.

O percurso literário de Marta Gautier iniciou-se em 1998 com a publicação de *Desculpe lá, Mãe*, uma obra epistolar que aborda as dificuldades das relações entre mães e filhas, assinada em parceria com a sua mãe, Rita Ferro. Em 2001, edita *Tanto que eu não te disse*, um romance que reflecte os dramas da juventude e a dificuldade de comunicação entre as pessoas, uma temática recorrente no seu mais recente romance: *Nua e crua*, que nos apresenta uma personagem de grande dimensão psicológica e espessura real, a que não serão alheias a formação e percurso profissional da autora que, neste seu novo livro, continua a explorar os recônditos da alma e dos comportamentos de vidas à deriva. Apesar de Marta Gautier afirmar «eu só escrevo para mim, a escrita é uma estratégia da alma e do coração», pode-se dizer que escreveu este romance para muita gente, pois, sem risco de contração psicológica, os leitores nele encontrarão matéria de identificação e reflexão.

## DO ROMANCE NUA E CRUA

*Nua e crua*, a história de Marina, expõe as dramáticas consequências de um processo de desamor e afirmação de poder. A tia, Manuela, submete a infância e adolescência da sobrinha a uma educação rígida e intolerante, pautada pelo primado das aparências, interdições e sentimentos de culpa que abismam a jovem numa permanente clivagem emocional. O resultado é a modelação de uma personalidade frustrada, culpada («*tinha sido sempre uma menina má*»), incapaz de se afirmar com maturidade e de crescer com equilíbrio.

A formação psicológica e emocional de Marina fazem-na resvalar para um isolamento determinado, uma obsessão de perfeição e intransigência, que presume de autodomínio, sublimando a sensação de um controle que efectivamente lhe escapa. Trágica é a constatação que, neste processo, reproduz os detestáveis comportamentos da tia («*infelizmente, e sem querer, me tornei uma igual à que eu mesma criticava*»). Quando mais tarde desenvolve alguma capacidade de ripostar, há uma incerteza, uma insatisfação que transporta o sabor das batalhas que se ganham mas que nem sempre se gostam de vencer («*castigava e não deixava de me sentir vítima*»). «*Marina, a Manuela que crescia*» é exemplar de como uma segunda natureza insidiosa pode corroer e transformar uma pessoa na imagem daquilo que detesta e a faz sofrer («*vitimizei-me para poder acumular queixas*»). Já adulta, apesar da imagem sedutora e confiante que transmite, em Marina persiste a obsessão em responder ao que se espera dela e de uma permanente necessidade de aprovação dos outros.

*Nua e crua* é um romance trespassado pela incomunicabilidade e por um enorme ressentimento que germina num incumprido Éden de infância e juventude, que ninguém sabe com rigor determinar as fronteiras, mas onde algures a vida encalha e se começa a perder. Como quebrar este ciclo obsessivo e esgotante? Como mudar de atitude e se transformar, se «*só conseguimos dar aos outros aquilo que nos deram a nós, (...) só conseguimos perdoar se já nos tiverem perdoado?*».

Tendo o conceito de perdão uma dimensão profundamente católica, não deixa de ter neste romance um efectivo potencial operativo de apaziguamento e superação traumática. A vida de Marina é demonstrativa de quantas mágoas e sofrimento podem não se ultrapassar pela ausência de um gesto de compreensão, de culpa assumida que possibilite a emergência de um perdão redentor.

O título *Nua e crua* exprime, com a singular evidência de uma divisa, todo o romance. Por um lado, o relato da verdade possível narrado pela protagonista («*estive perto, muito perto, mas nunca cheguei a contar-lhe exactamente o que se passou comigo*»), entre o desconforto e a dificuldade em desvendar a «*nudez da verdade*» e a exposição do próprio eu. Por outro, «*crua*», remete para uma ambígua ambivalência (crueza e imaturidade), pois nesta história ninguém é inocente e a crueldade mútua e o ressentimento trespassam as vidas tristes e frias de Marina e Manuela, vítimas e carrascos de circunstâncias que as ultrapassam e que dificilmente serão capazes de superar.

## BIBLIOGRAFIA DA AUTORA

*Desculpe lá, Mãe*  
Ed. Contexto, 2000

*Tanto que eu não te disse*  
Ed. Relógio d'Água, 2001

*Nua e crua*  
Ed. Publicações D. Quixote, 2004